

CRIADOR DO CANAL JOVENS DE NEGÓCIOS

BRENO PERRUCHO

O QUE O
ENSINO NÃO TE
ENSINA

PREFÁCIO POR
THIAGO NIGRO

BRENO PERRUCHO

**O QUE O
ENSINO NÃO TE
ENSINA**

maquinaria
EDITORIAL

O ENSINO NÃO

PREFÁCIO	9
INTRODUÇÃO	13

TE ENSINOU...

POR QUE ELE EXISTE	25
A SER FELIZ	51
A SACRIFICAR O CURTO PRAZO EM PROL DO FUTURO	71
A ENCONTRAR PORQUÊS GRANDES O SUFICIENTE	87
A RESOLVER PROBLEMAS	95
A APRENDER	123
COMO A ECONOMIA FUNCIONA	149
A INVESTIR	175
A FICAR RICO	203
A ESCOLHER PRINCÍPIOS	217
NOTAS	227
SOBRE A JOVEM DE NEGÓCIOS	235
AGRADECIMENTOS	237

PREFÁCIO

POR THIAGO NIGRO

**GRUPO PRIMO | INVESTIMENTOS,
EMPREENDEDORISMO E FINANÇAS**

EU NUNCA APRENDI tanto na minha vida quanto aprendi na escola. Foram longos anos que dediquei a ela, por volta de quinze talvez, assim como você, leitor, deve ter dedicado. Estudei muito e aprendi muita coisa, é verdade. E o mais incrível de toda essa jornada é que eu aprendi muitas matérias que nunca usarei na minha vida, e as coisas que mais gostei de aprender foram as que aprendi na prática.

Mas quando a prática ensina é muito doloroso. Cada dificuldade em uma reunião de negócios, em uma decisão errada que tomei ou em uma atitude equivocada, tudo isso doeu muito mais do que deveria, porque não fui preparado para lidar com conflitos da vida real. E esse é o problema em aprender só com a prática: você pode acabar se machucando sem necessidade. O lado bom é que você nunca esquece, porque dói.

Mas se a gente pudesse investir todos esses anos aprendendo de fato coisas mais úteis para nossa vida, conhecimentos que não giram somente ao redor de uma profissão, mas de ferramentas úteis independentemente da nossa área de atuação, talvez nós vivêssemos muito melhor.

Eu percebo que as pessoas têm certas coisas em comum que todo mundo busca: dinheiro, controle emocional, estabilidade e liberdade. A escola não te ensina isso. Ela te faz decorar nomes de pontes, rios no Egito, mas não por que aquela ponte foi criada ou a importância de sabermos sobre a existência daquele rio. Não há ferramentas que nos façam questionar, somente destinos finais dados pelos professores

como verdade absoluta. Além disso, a maioria das escolas te ensina a decorar, não a aprender. E tudo que é decorado pode ser esquecido.

Fiz três anos de mandarim, aprendi algumas coisas, mas não coloquei em prática, esqueci. Eu não aprendi a falar em público, não aprendi nada disso na escola. E o que mais me ajudou a chegar onde estou hoje são conhecimentos sobre finanças, pensamento empreendedor, comunicação, gestão e controle emocional. Não aprendi nada disso na escola.

No mercado de trabalho, o que vai te dar dinheiro e sucesso é ser muito bom em uma área que você tenha talento. A escola te ensina o básico de todas as matérias, mas não aprimora o seu talento, não é dada a oportunidade para isso. E em vez de ser um espaço de ensinamentos que nos preparem para aprimorar nossos talentos e ter inteligência emocional para lidar com a vida adulta, a escola nos obriga a escolher uma faculdade muito cedo, antes mesmo de formarmos nossos ideais e entender o que queremos da vida. O ensino não te ensina a se desenvolver no que você é bom.

Por isso, *O que o ensino não te ensina* é o encaixe perfeito para o sistema de ensino que existe hoje no Brasil, que nos prepara para sermos medianos e nos joga no mundo com muita responsabilidade e pouca habilidade. Este livro vem para te fazer questionar e aplicar novas áreas de conhecimentos que ficaram adormecidas nos bancos duros da escola.

Breno Perrucho é um grande amigo, um jovem comunicativo e talentoso, e eu tenho certeza de que ele vai trazer para você muitas lições que a escola não trouxe. Eu estou confiante de que esse pode ser o começo de uma virada de chave para aqueles que se dedicarem e toparem não só ler esse livro, mas estudar e colocar em prática o que o ensino não te ensina.

INTRODUÇÃO



● ***Disclaimer: contém spoilers de Harry Potter.***

SIRIUS ERA PADRINHO DE HARRY. Isso, esse mesmo – Harry Potter. Aquele que foi para Hogwarts estudar magia. O menino que sobreviveu. Você já vai entender o ponto, fica comigo.

Sirius foi acusado de um crime que não cometeu e, por isso, foi parar em Azkaban, uma prisão para bruxos criminosos, guardada por seres sombrios que se alimentam de qualquer resquício de felicidade à sua volta. Por isso, Azkaban é um lugar completamente desprovido de alegria, vida ou esperança.

Os prisioneiros, ao passarem muito tempo sob o efeito dessas criaturas, gradualmente perdem a noção do sentido de sua existência e enlouquecem. Ou, sem ver motivos para mantê-las, tiram suas próprias vidas. Mas algo estranho aconteceu com Sirius. Durante doze anos, ele ficou preso em Azkaban, mas, ainda assim, manteve sua sanidade.

Na comunidade bruxa, ele era temido. Para todos, fora Sirius quem revelara a Voldemort a localização secreta de Lilian e Tiago Potter, seus melhores amigos, que foram assassinados pelo Lorde das Trevas logo em seguida. Mas Sirius não sabia onde o casal estava escondido. Porque Lilian e Tiago tinham certeza de que, por Sirius ser o melhor amigo do casal, ele seria o primeiro a ser procurado. Então decidiram confiar sua localização a outra pessoa – de quem poucos suspeitariam.

Sirius sabia quem havia sido. E, buscando vingança, foi enfrentar o verdadeiro traidor: Pedro Pettigrew.

Pettigrew era outro velho amigo dos Potter. E, na noite em que Lilian e Tiago Potter foram mortos, Sirius localizou Pettigrew e o desafiou para um duelo em espaço público. Pettigrew conjurou uma maldição que matou doze trouxas, cortou o próprio dedo, se transformou em um rato e fugiu.

Sirius, então, foi preso – com a comunidade bruxa acreditando que ele era um agente duplo de Voldemort e que havia matado os trouxas inocentes e lançado uma maldição tão devastadora que não deixou nada de Pettigrew, exceto um dedo.

Sirius chegou a Azkaban. Seus melhores amigos, Tiago e Lilian, estavam mortos; o verdadeiro traidor estava à solta; e todos do mundo bruxo, até seus velhos amigos, acreditaram que ele era um maníaco sanguinário pronto para fazer qualquer coisa por seu verdadeiro mestre, Lorde Voldemort.

Ele não tinha uma pessoa sequer ao seu lado, dentro ou fora da prisão. Ele não tinha felicidade nem esperança na vida. E, ironicamente, o fato de não ter qualquer resquício de felicidade em sua vida fez com que os dementadores não tivessem muito o que sugar. Ele não tinha coisas boas pelas quais viver, então o efeito das criaturas não o enlouqueceu. Mas ele tinha um único objetivo na vida: a crença nua e crua de que iria encontrar Pettigrew, capturá-lo e revelar ao mundo a verdade.

E esse porquê o manteve são.

Assim viveu Sirius durante mais de uma década. Dia após dia, ele sobrevivia esperando o momento em que teria alguma informação que acusasse a localização de Pettigrew, e poderia finalmente escapar para derrotá-lo. Um único porquê em mente, e a crença inabalável de que ele faria justiça pelos Potter.

Quem conhece a história sabe que Sirius conseguiu escapar, recebeu o amor de Harry e, com isso, acabou adquirindo algo bom pelo qual viver. Por mais que exageradamente macabra para os propósitos de meu ponto, essa história é uma analogia perfeita de como a sociedade vive atualmente.

Quando fazemos 6 anos, ingressamos no chamado “plano de 59 anos”. Ele começa na classe de alfabetização, aos 6, e termina na aposentadoria, aos 65. Nesse meio-tempo, somos ensinados a tirar boas notas, obedecer às regras e seguir as convenções necessárias para viver harmoniosamente em sociedade.

Nos anos iniciais, aprendemos que precisamos escolher “o que fazer da vida”. E, ao longo do Ensino Fundamental, é maravilhoso quando nos perguntam:

“E aí, o que você quer ser quando crescer?”

Porque queremos ser tudo. Jogador de futebol, piloto de Fórmula 1, dançarino, pintor, ator de Hollywood, cantor, comediante, astronauta... Frequentemente todos ao mesmo tempo. Mas, conforme vamos prosseguindo no plano de 59 anos, a lista vai mudando um pouco. Vemos menos jogadores de futebol e mais engenheiros; menos dançarinos e mais advogados; menos artistas e mais médicos. Por quê?

Por que, conforme vamos entrando mais fundo no plano, nossas respostas vão mudando? Será que é porque ficamos mais inteligentes? Mais racionais quanto ao que é melhor para nossa vida? Porque vemos as coisas com uma clareza que a ingenuidade de uma criança jamais permitiria? Ou será que é outra coisa completamente diferente?

A resposta é cultura.

Cultura é o conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos e costumes que distinguem um grupo social. O ser humano é um ser social; logo, ele precisa seguir normas e padrões para viver bem em sociedade.

Cultura não é racional. Ela não é o que é porque faz sentido ou porque precisa ser. Ela só é. Explico: antigos nórdicos, gregos e romanos acreditavam que múltiplos deuses e entidades divinas determinavam o sucesso ou o fracasso de batalhas, colheitas e vidas amorosas. A sociedade ocidental, de forma generalizada, acredita que um único Deus onipotente é responsável por acasos e acontecimentos da humanidade.

A maneira exata como tais entidades interferem na vida humana não é conhecida; não é possível medi-la. Não é sequer possível atestar se tal interferência existe. Mas sociedades inteiras entraram em guerra, prosperaram, colapsaram, se reergueram e moldaram sua estrutura econômica, política e social devido à crença em tais deidades.

O plano de 59 anos foi fruto da evolução cultural que historicamente vem construindo a forma como a nossa sociedade vive e pensa hoje em dia. Não foi um processo necessariamente racional, mas, racionalmente ou não, aconteceu. E seu propósito é justamente moldar a mente humana a se adequar aos padrões e comportamentos sociais da época, para que o indivíduo possa viver de forma aceitável e se sentir pertencente à nossa cultura. Por isso, quanto mais tempo ficamos imersos no plano, menos naturais são os nossos pensamentos e mais culturais são nossas ideias. Assim, quando fazemos entre 16 e 17 anos, precisamos – dessa vez – responder para valer:

“E aí, o que você vai fazer da vida?”

Fomos ensinados até aquele momento que precisamos escolher uma única paixão que vamos perseguir e cultivar pelo resto da vida à exclusão de todas as outras. Quem nos faz essa pergunta não espera que respondamos “músico e matemático”; “*sommelier* e contador” ou “domador de leões e projetista de foguetes”.

A cultura nos despiu da mais intrínseca verdade da natureza humana: somos seres diversos. Diversos em relação aos nossos contemporâneos e diversos em relação a nós mesmos. Eu sei. Prolixo. Já vai ficar claro.

Cada ser humano recebe um coquetel de experiências, *inputs* e ensinamentos que nos fazem desenvolver uma visão particular sobre como encarar os acontecimentos do mundo. É como se todos tivéssemos uma lente diante dos nossos olhos que filtra as circunstâncias à nossa volta e dá significado a elas com base no que vivemos anteriormente. Nossa personalidade é fruto desse coquetel de experiências e dita a forma como costumamos encará-las. Ninguém é igual. Cada um tem uma perspectiva particular sobre o mundo, e é isso que cria a beleza da diversidade humana. Diversidade biológica; diversidade de opinião; diversidade de gostos e talentos. Todos somos diferentes por natureza.

Quando entendemos essa característica comum a todos, percebemos a hipocrisia na demonstração de intolerância. Não respeitar a opinião de pessoas com pensamentos dissonantes dos nossos vai contra o mesmo princípio natural do que é ser humano. As experiências

que cada indivíduo teve em vida e os significados que dão a essas experiências são – via de regra – diferentes entre si. Intolerante é aquele que perde a oportunidade de olhar o mundo por uma nova perspectiva. É aquele que se prende às antigas verdades e se abstém de expandir os próprios horizontes.

Se você se irrita com os gostos musicais de outras pessoas, você é intolerante. Se você se irrita com um discurso socialista, keynesiano ou liberal, você é intolerante. Se você se irrita quando alguém defende Haddad ou Bolsonaro, você é intolerante.

Talvez você se pegue pensando que, depois dessa breve leitura, você deve exercitar mais a tolerância. Contudo, não confunda tolerância com abertura. Dizer que alguém é tolerante é partir do pressuposto de que essa pessoa “tolera” em outra pessoa características que a desagradam profundamente. Por exemplo: eu tolero sua presença, portanto não farei nada contra você, mas acho que seus ideais são arrogantes, prepotentes e egoístas. Não é este o ponto.

O segredo é abertura.

Ter abertura é ser genuinamente interessado em ouvir as opiniões alheias, independentemente do quão em conflito estejam com nossa própria visão de mundo; é buscar ativamente o debate, apoiando-se no pressuposto de crescimento mútuo. Abertura é muito mais legal que tolerância.

Também não confunda abertura com concordância. Não somos obrigados a acatar todas as opiniões adversas, mas temos muito a ganhar em tentar entender e nos colocar nos sapatos daqueles que pensam diferente de nós, em vez de ofendê-los, diminuí-los ou não lhes dar o devido valor. Uma conversa com opiniões dissonantes pode ser uma excelente alavanca de crescimento ou uma eficiente maneira de perder o respeito de um amigo. Nós escolhemos.

Além de todas as nuances que compõem as diferenças entre seres humanos, todos temos diferenças em nós mesmos. Possuímos inúmeros gostos, paixões, *hobbies*, curiosidades e talentos sobre os quais construímos nossas atividades. Podemos gostar da história da sociedade persa, assim como podemos gostar de andar a cavalo. Podemos ser excelentes em cálculo, assim como em dança. Podemos fazer o melhor espaguete à carbonara possível e cantar de um jeito que os jurados do *The Voice* iriam brigar para nos ter em seu time.

E todos esses gostos são flexíveis na grandiosa escala do tempo. Podemos nos apaixonar por engenharia de produção hoje, mas o que vamos realmente querer fazer amanhã é *design* de pôsteres no Photoshop. Podemos nos apaixonar por alguém num dia e desapaixonar no outro. Não somos engenheiros. Não somos advogados. Estamos engenheiros. Estamos advogados.

Nossos interesses e paixões são naturalmente tão flexíveis que é surpreendente que um dos pilares de sustentação da nossa cultura seja algo antinatural: saber de cor e salteado responder à pergunta “E aí, o que você vai fazer da vida?”.

Não faz sentido. Vai contra a natureza humana. O ser humano é complexo, profundo e volúvel demais para ser capaz de responder a isso. Mas todos somos ensinados a prontamente inventar uma resposta.

Tendo essa resposta, adolescentes se preparam ao longo do terceiro ano do Ensino Médio para uma prova que vai ditar todo o seu futuro pelos próximos doze meses: o vestibular. Se passam, ingressam em um curso universitário que melhor viabiliza o alcance do que creem ser sua paixão profissional; se não passam, se matriculam em um curso pré-vestibular e tentam de novo.

E assim seguimos imersos no plano de 59 anos. Na faculdade buscamos boas notas, para que consigamos bons estágios, o que possivelmente nos levará a ser efetivados, para trabalharmos em uma boa empresa, subindo na hierarquia corporativa até alcançar uma posição de liderança e, por fim, aposentarmo-nos com 65 anos.

Esse é o plano de 59 anos. Começa aos 6, termina aos 65. É o ciclo natural culturalmente aceito pela sociedade. Mas ele nem sempre é seguido à risca.

Às vezes um adolescente de 17 anos se sente excessivamente pressionado por precisar escolher em um ano o que vai fazer pelos próximos 48. Sua família fica na expectativa de que ele dê seus primeiros passos como futuro profissional passando no vestibular; seus amigos estão, em sua maioria, decididos, mas às vezes ele mesmo não sabe o que fazer.

Então esse adolescente escolhe algo que ele acha que gosta, preenche a expectativa de familiares, acompanha seus amigos e faz o vestibular, uma ou algumas vezes, e, por fim, começa a faculdade. A partir daí algo curioso passa a acontecer.

Alguns desses jovens adultos recém-ingressados num curso universitário têm uma quebra de expectativa quanto ao que conquistaram até então e chegam a seu “ponto de incongruência”. O ponto de incongruência é a percepção da não associação entre o que está sendo feito agora na vida de um indivíduo e o que este imagina para si no futuro.

Esse é um efeito colateral comum manifestado em muitos que entram no plano de 59 anos. E ele pode surgir em qualquer momento da vida: um estudante universitário que fica empolgado ao entrar no curso, mas depois de alguns períodos não suporta frequentar a faculdade; um engenheiro que orgulha todos os familiares por estar trabalhando numa petroleira, mas, depois de uns anos, começa a se questionar se é aquilo que realmente quer fazer por toda a sua vida; um aposentado que percebe que passou a vida inteira vivendo de acordo com regras e convenções sociais, sem perceber que jamais parou um tempo para olhar para dentro de si e viver pelo que realmente gostaria...

Cada uma dessas pessoas atingiu um impasse cuja solução não foi dada pelo ciclo natural aceito socialmente. Veja: o universitário pode achar que o problema está no curso e, assim, fica pulando de graduação em graduação até finalmente aceitar que já perdeu muito tempo e precisa terminar alguma coisa, qualquer que seja.

O engenheiro pode pensar que o problema está no emprego. Ou que escolheu a profissão errada. Ele acha incongruente estar se sentindo tão desgastado pelo trabalho que acreditava ser sua maior “paixão” desde criança. Com isso, torna-se amargurado. Reclamão. E aí ele busca compartilhar suas frustrações com amigos também frustrados e reclamões, que potencializam sua insatisfação e o fazem colocar a culpa de seu sofrimento no mundo e em tudo e todos à sua volta.

O aposentado hoje vive com dinheiro, mas com pouca saúde para aproveitar o pouco tempo que lhe resta. Seu remorso o faz se arrepende de ter passado tanto tempo vivendo para satisfazer os desejos dos outros em vez de arriscar viver para si mesmo. O ponto de incongruência não acontece para todos, mas ainda assim acontece para muitos.

O plano de 59 anos não nos ensina o que fazer quando passamos a não gostar do futuro que nos aguarda. E não entendemos quando chegamos ao nosso ponto de incongruência. Nos sentimos perdidos. Sozinhos. Como se fôssemos o problema. Não fomos preparados para isso. Jamais passa por nossa cabeça a possibilidade de buscar outros caminhos. No plano de 59 anos só existe um caminho:

Tirar boas notas > Passar de ano > Entrar na faculdade >

Tirar boas notas > Arranjar um emprego > Casar-se >

Crescer no emprego > Ter filhos > Aposentar-se com segurança

Por isso, quando percebemos que nossa vida não está indo de acordo com o plano, não sabemos o que fazer. Precisamos passar por uma batalha interna de insegurança por não estarmos conseguindo cumprir os padrões que colocamos para nós mesmos. Além de, muitas vezes, aqueles que mais nos amam terem dificuldades em entender nossos sentimentos – afinal, muitos deles não passaram por isso.

Nossos pais, avós, tios e tias – todos querem o melhor para nós. Mas dificilmente aceitam quando não estamos felizes com o que estamos fazendo da vida ou o que queremos para o nosso futuro. Por quererem o nosso bem, eles se portam contra nossos sentimentos. E, ao se portarem contra nossos sentimentos, eles nos fazem mal. A crença de que deveríamos estar felizes seguindo o plano de 59 anos já está tão firme na nossa cultura que o problema é “obviamente” nosso. Nós somos errados, nós somos o problema, nós somos culpados.

Os efeitos de chegar ao ponto de incongruência são sombrios. Não estamos felizes, não temos esperança de um futuro melhor fazendo o que quer que estejamos fazendo e não temos razão pela qual viver. É difícil; é escuro; é feio. E pensamos: “A vida não é como eu pensei”. De fato. Ela é muito mais imprevisível, dinâmica, circunstancial e efêmera do que somos ensinados a pensar que é. E poucos têm essa realização.

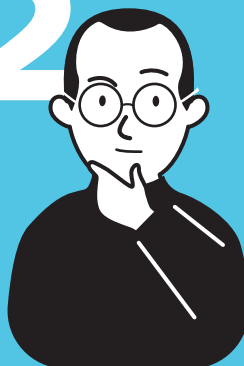
As pessoas se dividem em dois grupos quando chegam ao ponto de incongruência:

1



São pessoas que aceitam as injustiças da vida; que ela é muito diferente do que a ingenuidade de seus “eus” crianças achavam que seria. Não questionam as convenções sociais e acreditam que não há nada que possa ser feito para mudar essa realidade, porque ela simplesmente é assim e sempre será.

2



Esse grupo de indivíduos fica inconformado com o descasamento entre o que lhe foi ensinado que deveria esperar da vida *versus* o que de fato está acontecendo e busca fazer algo a respeito. Busca mudar, adquirir novos conhecimentos e passa a questionar se as convenções sociais impostas desde cedo realmente fazem sentido.

O grupo de nº 1 leva uma vida sem sentido. Vivendo pelos outros mais do que para si mesmo. Eventualmente tais pessoas se veem preenchidas por remorso e arrependimento. Já os integrantes do grupo nº 2 percebem que foram prisioneiros de crenças e dogmas impostos sobre eles desde antes de terem discernimento para escolher se queriam ou

não adotar esse plano e sair do caminho padrão. Eles percebem que, se continuarem nessa prisão, a vida ficará cada vez mais escura, sem sentido. Eles passam a entender com clareza o que não querem, em vez de se curvarem às convenções impostas por outras pessoas. E, com isso, buscam por si sós o próprio caminho.

Entretanto, a consequência de sair do palheiro é a reprovação social. É ter que viver com os discursos de reprovação da família e o sentimento de culpa que isso traz. Afinal, saber o que não queremos fazer **não** nos mostra as coisas que queremos fazer. Isso faz tudo mais difícil.

Perceber que nossa vida não iria se desenrolar na maneira como fomos ensinados e passar a questionar o que é certo ou errado quando todos estão de olho torto para nós podem nos fazer sentir presos dentro de nossa infelicidade.

E aí lembramos de Sirius. Ele também foi prisioneiro por anos sem um resquício de felicidade na vida. A única coisa que o manteve vivo foi um porquê.

O objetivo deste livro é te munir com as experiências e conhecimentos com que todos deveríamos ter tido contato antes de escolher qualquer plano que fosse (seja um de 59 anos, de 15 anos ou de 24 meses) e, com esses conhecimentos, te ajudar a encontrar os porquês. Porque, quando temos os porquês, nem as prisões mais sombrias podem nos segurar.

Disclaimer: este não é um livro motivacional.





ESCOLA
PRIMÁRIA

ESCOLAR

O ENSINO NÃO TE ENSINOU POR QUE ELE EXISTE

DURANTE AS AULAS de história e geografia, aprendemos sobre as revoluções industriais. O que mais marcou essas revoluções foram as mudanças no processo produtivo da mercadoria que era oferecida para a população.

Até então, o trabalho era feito dentro de oficinas e casas por artesãos que dominavam a maior parte das etapas do processo produtivo. O artesão tinha conhecimentos vastos em diversas áreas, desde como conseguir a matéria-prima, transformá-la em produto e vendê-lo para o cliente enquanto acompanhava as finanças do negócio. Ele precisava dominar todas as etapas da produção para garantir que o produto final chegasse à população com qualidade.

Isso até começarem a surgir as primeiras fábricas, no final do século XVIII, trazendo o amanhecer da Primeira Revolução Industrial. Com o surgimento do modelo industrial, a manufatura foi cada vez mais dando espaço para a maquinofatura – o uso de máquinas para compor o processo fabril.

Enquanto a manufatura era um processo artesanal, demorado, em que uma ou poucas pessoas dominavam todas as etapas de produção de suas mercadorias, a maquinofatura era um processo padronizado mais eficiente, em que cada pessoa era responsável por uma função específica. Na Segunda Revolução Industrial (século XIX), foram instaladas esteiras de produção, sobre as quais funcionários debruçavam-se para realizar uma única atividade que havia sido designada a eles.

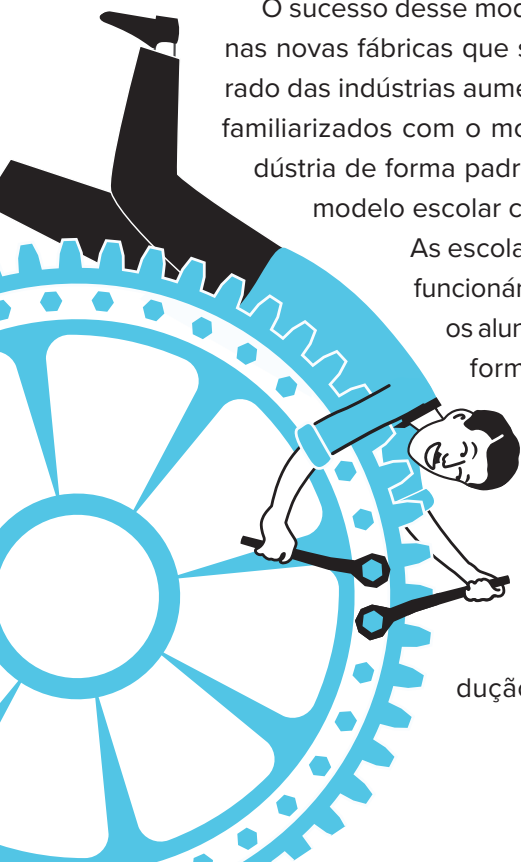
Assim, um funcionário realizava uma tarefa simples e repetitiva, como apertar um parafuso, e a esteira levava o produto para outro funcionário, que realizaria outra tarefa a partir do trabalho já feito. Ou seja, eles não precisavam ter a visão macro sobre todas as etapas da montagem até o produto final. Por passarem horas do dia fazendo exatamente os mesmos movimentos, esses funcionários acabavam se tornando verdadeiros especialistas em suas tarefas, o que aumentava significativamente a produtividade comparada às mãos dos antiquados e lentos artesãos.

Esse modelo industrial de produção tinha o objetivo de elevar a produtividade do processo ao máximo a custos mínimos. Mas isso você já aprendeu na escola.

O sucesso desse modelo para as empresas o fez ser adotado nas novas fábricas que surgiram. Por isso, o crescimento acelerado das indústrias aumentou junto a demanda por funcionários familiarizados com o modelo; preparados para trabalhar na indústria de forma padronizada, repetitiva e eficiente. Assim, o modelo escolar como conhecemos hoje foi criado.

As escolas surgiram para sanar a necessidade de funcionários na indústria, refletindo a vivência que os alunos futuramente teriam nas fábricas. Dessa forma, as escolas conseguiriam preparar jovens a tornarem-se empregados aptos a trabalhar na cadeia produtiva logo que terminassem o ensino básico.

Pessoas com alto grau de instrução, com certificados e diplomas de Ensino Superior, ficariam responsáveis pelo desenvolvimento de cadeias de produção eficientes, planejamento de logística,



otimização de processos, jurídico e contabilidade empresarial. Já pessoas com baixo grau de instrução trabalhariam diretamente na cadeia produtiva, também conhecida como “chão de fábrica”. Elas eram como engrenagens do processo produtivo, necessárias para colocar em prática o planejamento que os funcionários mais instruídos elaboraram. Todos precisavam estar em absoluta sincronia para garantir que o produto final sempre fosse o mesmo. Ou seja, processos padronizados exigiam pessoas padronizadas.

O modelo industrial inseriu na sociedade o pensamento industrial. Tiago Mattos, futurista formado pela Singularity University e cofundador da escola de inovação e criatividade Perestroika, em seu livro *Vai lá e faz*, categoriza essa mentalidade em quatro pilares:

- **Linear, como uma linha de montagem.**
- **Repetitivo, com funcionários especialistas em realizar repetidamente a mesma tarefa.**
- **Segmentado, com uma rígida divisão das empresas em diversas áreas e departamentos, sem que os funcionários saibam como o todo funciona.**
- **Previsível, em que sempre se espera o mesmo resultado final, sem surpresas ou mudanças durante o processo de produção.**

Esse pensamento industrial moldou o ensino como o conhecemos hoje. É um ensino **linear**, pois precisamos passar pelo Ensino Primário, Fundamental, Médio e Superior, como numa esteira de produção; **repetitivo**, devido ao processo cíclico de “estudar, fazer provas, tirar boas notas e passar de ano”; **segmentado**, com diversas matérias dadas separadamente sem clara integração entre si, de forma que o aluno tem dificuldade em ver como as matérias têm aplicabilidade na vida real; e **previsível**, pois somos ensinados que, seguindo esse modelo, vamos conseguir passar no vestibular e ser alguém na vida.

Fazemos parte de um modelo de ensino padronizado e estruturado para suprir a necessidade de uma demanda industrial de séculos atrás.

Todos os alunos recebem a informação do mesmo modo, são ensinadas as mesmas matérias, com a mesma metodologia de ensino, por uma única figura de autoridade que observa o comportamento de todos à sua frente. Alunos sentam-se em fileiras retas, com espaço delimitado entre si, calados e submissos.

Ao longo do ano letivo, exames padronizados são aplicados igualmente para todos os alunos, e, caso tirem boas notas, eles conseguem passar para a próxima série. Uma vez na próxima série, eles são expostos à mesma metodologia de ensino, realizam novamente exames padronizados e repetem exatamente o mesmo processo até concluir o ciclo.

Durante os anos escolares, os alunos são orientados sobre o que aprender e o que pensar ao longo de sete horas por dia, com um breve intervalo para o lanche, normalmente marcado por uma sirene. Assim, os alunos aprendem a obedecer calados, sem questionar nem criticar – tudo do mesmo jeito que na cadeia produtiva de uma fábrica.

Se analisarmos esse modelo de séculos atrás e o compararmos ao ensino com que estamos acostumados hoje, não percebemos muitas diferenças. Inclusive, as semelhanças são tantas que é difícil aceitar o quão estático o ensino ficou durante todo esse tempo, apesar de todas as transformações pelas quais o mundo passou desde então.

Os primeiros vestígios da indústria e do modelo escolar atual surgiram em 1760. Porém nesse ano ainda vivíamos em uma sociedade marcada por escravidão, em que mulheres eram privadas da educação formal e do direito ao voto, a homossexualidade era crime, a guilhotina era a forma mais humana de punir a oposição e a monarquia reinava em quase todos os países do mundo. Tudo isso antes de Josef Stalin, Adolf Hitler, Dom Pedro I e Napoleão Bonaparte. A maior parte do que estudamos em história aconteceu depois de o modelo atual escolar ser



criado, e, ainda assim, ele se mantém praticamente intocado – imune às mudanças do tempo.

Atualmente, séculos depois, as salas de aula são assustadoramente parecidas. Mas o mundo tem novas demandas. Nossa sociedade tem novos problemas. O mundo globalizado e tecnológico está repleto de máquinas assumindo as etapas da cadeia produtiva e tomando os empregos de pessoas que antes realizavam as mesmas tarefas.

Entretanto, enganam-se aqueles que acreditam que devemos combater isso. A tendência existe, e, por mais que venhamos com sindicatos ou leis para proteger os funcionários no curto prazo, jamais conseguiremos evitar essa mudança. O futuro é inevitável. Com isso, será cada vez menor a necessidade de formar pessoas que pensem de maneira unilateral, absolutamente especializadas em alguma área de conhecimento.

Em poucos anos, computadores munidos de inteligência artificial serão capazes de armazenar um banco de dados com casos de centenas de milhares de pacientes clínicos, acessíveis em seus circuitos de forma muito mais eficiente do que nossos neurônios conectados por dendritos com bainha de mielina jamais permitirão. Assim, os diagnósticos dados por computadores serão mais rápidos e confiáveis, e tais máquinas, ao contrário dos seres humanos, serão capazes de trabalhar indefinidamente sem se cansar.

Cirurgias de alta complexidade já estão sendo realizadas por robôs. O seu nível de precisão é indiscutivelmente mais assertivo do que o de um ser humano. Eles possuem sensores mais eficazes do que um olho humano, suas mãos não tremem e não há emoção que atrapalhe o seu desempenho. Além disso, são capazes de realizar várias cirurgias em um dia sem perder a eficiência.



O robô Da Vinci, por exemplo, desenvolvido em 2006, auxilia os profissionais em procedimentos cirúrgicos. Ele possui quatro braços: um deles carrega uma câmera e os outros três servem para pegar instrumentos, como pinças, tesouras e bisturis. Nesse caso, o médico é quem controla o robô¹, mas futuramente ele mesmo será capaz de executar procedimentos completos sozinho.

Na área de construção civil, a robótica também já está sendo usada, desde a análise inicial do local até a construção. Mas, num futuro breve, computadores serão capazes de projetar estruturas com a máxima garantia de que não vão desabar por falhas de planejamento humano, como ocorreu em 2016 com a ciclovia Tim Maia na avenida Niemeyer, no Rio de Janeiro, num desastre que matou duas pessoas.

Porém máquinas podem ser muito boas em uma única função, mas dificilmente conseguirão ser muito boas em várias. Isso é o que distingue as máquinas do *Homo sapiens*. **Seres humanos podem se munir de seus diversos conhecimentos para fazer conexões entre áreas completamente desconexas. Máquinas, não.**

Por isso, serão valorizadas as áreas em que máquinas ainda não são capazes de superar seres humanos: inteligência emocional, contato humano, carisma, criatividade e liderança – as chamadas *soft skills*. Porque essas competências só são desenvolvidas por meio de vivências e contato com experiências diversas, algo que um robô não consegue ter.

Em geral, somos ensinados a treinar a verticalidade, ou seja, a estudar e nos aprofundar somente em uma única matéria até nos tornarmos *experts* no assunto. É na faculdade que começamos a nos especializar em uma determinada área. Então, se você escolheu fazer medicina, vai passar seis anos da faculdade estudando as matérias gerais do curso e mais alguns anos de residência, dependendo da sua área de especialização. Cada vez mais você vai se tornando uma pessoa absolutamente verticalizada.

Imagina só: você decide se especializar em dermatologia, e sua dedicação é tanta que falta tempo para praticar outras atividades, como tocar piano. Mas o que você não sabe é que um instrumento musical melhora a memorização, a concentração e o foco, facilitando o processo de aprendizado. Além do mais, se um dia você quiser abrir uma clínica

própria, também precisará ter uma noção sobre gestão, administração e áreas afins.

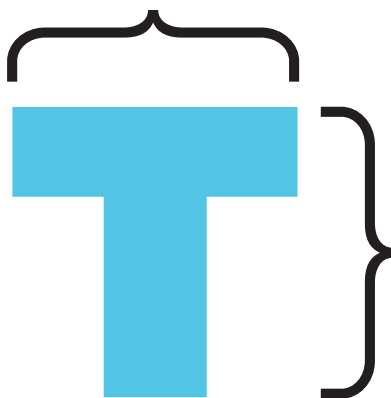
Essa não é a forma como todo o nosso modelo escolar nos ensinou a pensar ao longo do tempo. Conclusão: você deixa de viver experiências que poderiam ajudar e complementar significativamente o seu trabalho.

Verticalizar-se pode ser positivo quando você se torna uma referência no mercado, pois empresas e profissionais costumam pagar muito bem por isso. Mas cuidado: dedicar-se somente a um conhecimento pode fazer você criar uma visão de túnel. Quando você dirige dentro de um túnel, não consegue ver o que tem do lado de fora. E, então, perde o senso crítico sobre o funcionamento do mundo.

A verticalização em excesso nos torna incapazes de ter uma visão analítica sobre o que acontece ao nosso redor, sendo que o mundo é composto por infinitas áreas que se entrelaçam, se juntam e se cruzam. Isso quer dizer que nenhum conhecimento é descartável ou em vão. Qualquer conhecimento é útil para algo.

Horizontalizar-se, por outro lado, é justamente o contrário. É sair desse túnel e expandir as possibilidades. Você se equipa com diferentes experiências e conhecimentos na esperança de que um dia conseguirá juntar tudo isso e criar algo novo e original, capaz de agregar valor para a sociedade.

Horizontalidade: áreas diversas de conhecimento que podemos explorar



Verticalidade: nível de profundidade que temos em uma área específica